



EM LALLA

ON LALLA

KAZIM ALI



**editora
svarupa**

EM LALLA

ON LALLA



Autor	Kazim Ali
Tradução e diagramação	Stefanie Samara e Gabriela Malafaia
Revisão	Marcus Rojo
Imagens da capa	Miranda Lorikeet
Imagem da contracapa	Miranda Lorikeet

São Paulo: Editora Svarupa, 2023

É permitida a reprodução parcial do conteúdo deste trabalho e sua difusão, desde que citada a fonte:

Kazim ALI. **Em Lalla** (On Lalla).

São Paulo: Editora Svarupa, 2023. Disponível em: www.svarupa.com.br/biblioteca.

ON LALLA

EM LALLA

*Kazim Ali*¹

Lalla, or Lal Ded, was a Kashmiri mystic who lived in the 14th century at the height of Kashmiri Shaivism. Though she was a Hindu and a yogi, even Shah Hamdan, the great Sufi teacher who was her contemporary, recognized her as a saint. The best translations are those of Indian poet Ranjit Hoskote, who worked directly from the old Kashmiri, and who incorporates into his translations the inconsistencies of style and diction and textual variations that stem from the nature of these ecstatic utterances passed down by word-of-mouth over the course of centuries before being assembled into a written canon.

Lalla, ou Lal Ded, foi uma mística da Caxemira que viveu no século XIV, no auge do Shivismo da Caxemira. Embora ela fosse hindu e yogui, até mesmo Shah Hamdan, o grande professor sufi que foi seu contemporâneo, a reconheceu como uma santa. As melhores traduções são as do poeta indiano Ranjit Hoskote, que trabalhou diretamente na antiga Caxemira e que incorpora em suas traduções as inconsistências de estilo e dicção e variações textuais que decorrem da natureza dessas declarações extáticas transmitidas boca a boca ao longo dos séculos antes de ser reunido em um cânone escrito.

¹ O poeta, editor, prosador, tradutor e professor Kazim Ali nasceu no Reino Unido em 1971, filho de pais muçulmanos de ascendência indiana, e viveu transnacionalmente nos Estados Unidos, Canadá, Índia, França e Oriente Médio. Ele obteve bacharelado e mestrado pela Universidade de Albany-SUNY e mestrado pela Universidade de Nova York. Vários títulos premiados, as coleções de poesia de Ali incluem *The Voice of Sheila Chandra* (Alice James Books, 2020), *Inquisition* (2018), *Sky Ward* (2013), *The Fortieth Day* (2008) e *The Far Mosque* (2005). Seus romances incluem o recentemente publicado *The Secret Room: A String Quartet* e entre seus livros de ensaios estão o livro de memórias híbrido *Silver Road: Essays, Maps & Calligraphies* e *Fasting for Ramadan: Notes from a Spiritual Practice*.

Fonte: poetryfoundation.org e kazimali.com

Here's a short verse:

I'm towing my boat across the ocean with a
thread.
Will He hear me and help me across?
Or am I seeping away like water from a half
baked cup?
Wander, my poor soul, you're not going
home anytime soon.

Here Lalla is either pulling her vessel (her
body? - but if the vessel is her body then who
is doing the pulling?) through the water or is
she herself the water? At any rate, it seems not
to matter, either to the nameless He (one
presumes it is God) because she enjoins her
soul (not her body, her soul) to continue to
wander. It's a lot of thinking packed into four
short lines, far indeed from the palliative and
pithy epigrams one has become used to in
spiritual literature.

Indeed, Lalla explores a fragmentation of the
self that feels typical in contemporary discourse
but at the time the great philosophers of Yoga
were only beginning to wonder what the
nature of the individual human self was. In

Aqui está um pequeno verso:

Estou rebocando meu barco pelo oceano com
uma linha.
Ele me ouvirá e me ajudará a atravessar?
Ou estou vazando como água de uma xícara²
meio assada?
Vague, minha pobre alma, você não vai
voltar para casa tão cedo.

Aqui Lalla está puxando sua embarcação (seu
corpo? - mas se a embarcação é seu corpo, então
quem está puxando?) através da água ou ela
mesma é a água? De qualquer forma, isso parece
não importar, nem para o Ele sem nome
(presume-se que seja Deus), porque ela ordena
que sua alma (não seu corpo, sua alma) continue
vagando. É muita reflexão resumida em quatro
linhas curtas, muito longe das epigramas
paliativas e concisas aos quais nos acostumamos
na literatura espiritual.

Na verdade, Lalla explora uma fragmentação do
self que parece típica no discurso
contemporâneo, mas na época os grandes
filósofos do Yoga estavam apenas começando a
se perguntar qual seria a natureza do *self*

² Uma xícara de barro precisa ser queimada no fogo para poder conter a água.

Lalla's poetry the question was never simple and never resolved:

He who strikes the Unstruck Sound
calls space his body and emptiness his home,
who has neither name nor color nor family
nor form,
who, meditating on Himself, is both Source
and Sound
is the god who shall mount and ride this
horse.

Gods and humans seem equally confused,
equally desirous of knowing their own natures.
In another short verse Lalla skewers secular life
as well as the yogis and Muslims who practiced
their own kinds of asceticism:

Gluttony gets you the best table in the town
of Nowhere,
fasting gives your ego a boost.
Slaves of extremes, learn the art of balance
and all the closed doors will open at your
touch.

What Lalla called for, in her poetry, was a
turning away from received knowledge and the
institutions of religious thought and an

humano individual. Na poesia de Lalla a questão
nunca foi simples e nunca resolvida:

Aquele que atinge o Som Inatingível
chama o espaço de seu corpo e o vazio de sua
casa,
que não tem nome nem cor nem família nem
forma,
que, meditando em Si mesmo, é Fonte e Som
é o deus que montará e cavalgará este cavalo.

Deuses e humanos parecem igualmente
confusos, igualmente desejosos de conhecer a
sua própria natureza. Em outro verso curto, Lalla
ataca a vida secular, bem como os yoguis e os
muçulmanos que praticavam seus próprios tipos
de ascetismo:

A gula oferece a melhor mesa da cidade de
Lugar Nenhum,
o jejum dá um impulso ao seu ego.
Escravos dos extremos, aprendam a arte do
equilíbrio
e todas as portas fechadas se abrirão ao seu
toque.

O que Lalla invocou, na sua poesia, foi um
afastamento do conhecimento recebido e das
instituições do pensamento religioso e uma

embracing of an experiential learning based on the sensory knowledge of the body in its many and varied physical forms.

Most importantly, Lalla deviated from the prevailing Vedanta philosophy at the time which held that Brahman, the creative energy of the universe, was inactive and that the entire universe was maya or illusion. Lalla instead subscribed to Kashmiri Shaivism, which held that the entire existing universe of matter and energy (Shakti) was a manifestation of universal consciousness (Shiva), real and eternal.

But is it still interesting to try to think about the relationship between "matter" and "spirit?" Which could mean "Shakti" and "Shiva" or "earth" and "heaven," as you like? The humor and whimsy of the spiritual poetry makes sure the work is always on the reader, always on the practitioner to continue to think and search, not in an abstract way but in the actually physical world. Because if it isn't just illusion, or a temporary world waiting to be dissolved in favor of a promised "afterlife" or vision of Biblical "heaven", then what's in the world, its blessings and failures, actually matters. A spiritual practice of yoga is not separate but is the same as a life lived in solely material terms.

aceitação de uma aprendizagem experiencial baseada no conhecimento sensorial do corpo nas suas muitas e variadas formas físicas.

Mais importante ainda, Lalla desviou-se da filosofia Vedanta predominante na época, que sustentava que Brahman, a energia criativa do universo, era inativa e que todo o universo era maya ou ilusão. Em vez disso, Lalla subscreveu o Shivaísmo da Caxemira, que afirmava que todo o universo existente de matéria e energia (Shakti) era uma manifestação da consciência universal (Shiva), real e eterna.

Mas ainda é interessante tentar pensar na relação entre “matéria” e “espírito”? O que poderia significar “Shakti” e “Shiva” ou “terra” e “céu”, como você preferir? O humor e o capricho da poesia espiritual garantem que o trabalho esteja sempre no leitor, sempre no praticante para continuar a pensar e pesquisar, não de uma forma abstrata, mas no mundo realmente físico. Porque se não for apenas uma ilusão, ou um mundo temporário esperando para ser dissolvido em favor de uma prometida “vida após a morte” ou visão do “paraíso” bíblico, então o que há no mundo, suas bênçãos e fracassos, realmente importa. Uma prática espiritual de yoga não é separada, mas é o mesmo que uma vida vivida apenas em termos materiais.

Here is a verse that deals with this issue and also demonstrates some of the exciting shifts in diction that would not look out of place in a journal of contemporary poetry:

Now sir, make sure you've corralled your ass.
Or he'll champ his way
through your neighbors' saffron gardens.
No one's going to stand proxy
when it's your neck on the block.

Lalla's poetry puts me in mind of the childhood game of "Hide-and-Seek," because when you are selected as unique—the only one in the universe—you are alone, abandoned by all the other players. You hope to touch them while they evade you and head back to God. You are alone with God in only one case: before you start your endless search. There you are, crouched down, completely ignorant of the wide world around you because your hands are over your eyes.

In just a moment you will be allowed to seek.
Count to ten.

Aqui está um verso que trata desta questão e também demonstra algumas das mudanças emocionantes na dicção que não pareceriam deslocadas em um jornal de poesia contemporânea:

Agora, senhor, certifique-se de estar preparado.
Ou ele vai varar
através dos jardins de açafrão dos seus vizinhos.
Ninguém vai agir por você
quando seu pescoço estiver em risco.

A poesia de Lalla me lembra o jogo infantil de "esconde-esconde", porque quando você é selecionado como único - o único no universo - você fica sozinho, abandonado por todos os outros jogadores. Você espera tocá-los enquanto eles fogem de você e voltam para Deus. Você está sozinho com Deus em apenas um caso: antes de iniciar sua busca sem fim. Aí está você, agachado, completamente ignorante do vasto mundo ao seu redor porque suas mãos estão sobre os olhos.

Em apenas um momento você terá permissão para buscar. Conte até dez.

